

## Comerciantes informais quebram quarentena e colocam a saúde em risco

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Categoria movimenta R\$ 1,2 trilhão. O isolamento como impraticável. A informalidade tende a aumentar. “Eu só saio de casa porque não tenho opção.” A frase é do vendedor de acessórios para celular Diogo Batista, 25 anos, e expõe os sentimentos de exaustão e incertezas que têm sido comuns a profissionais do mercado informal de todo o Brasil em meio à pandemia de covid-19, a doença causada pelo novo coronavírus. O ambulante faz parte de uma categoria que, em 2019, movimentou R\$ 1,2 trilhão –valor equivalente a 17,3% do PIB brasileiro, segundo a FGV (Fundação Getúlio Vargas). Em 2015, o ex-mestre de obras fechou uma microempresa de construção civil e dispensou 8 colaboradores. Desde então, tem mantido a mulher, desempregada, e 2 filhos com o dinheiro que ganha a partir da venda de fones de ouvido e capas protetoras para smartphones vendidos pelo dobro do preço de fábrica. Com a quarentena, Diogo viu suas vendas caírem 63% no período de 18 março a 3 de abril. “Antes, o faturamento diário era de R\$ 600. Hoje, mesmo com horário dobrado, o lucro não chega a R\$ 300. Com a baixa, em breve, as vendas só pagarão o aluguel”, estima. Na avaliação do presidente executivo do Etco (Instituto Brasileiro de Ética Concorrencial), Edson Vismona, fatores como desemprego e a queda nas vendas de comerciantes formais favorecem a expansão do mercado informal. “A informalidade manteve uma consistente trajetória de queda de 2003 a 2014, período de crescimento do País, mas a curva se inverteu a partir do início da crise econômica. Quanto melhor o cenário econômico, menor o índice de informalidade”, explica Vismona. Segundo Bruno Ottoni, consultor da IDados, 40% dos brasileiros perderão o emprego durante a pandemia. DA INFORMALIDADE AO SUCESSO O Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) contabilizou, de 20 a 23 de março, uma redução de 69% no faturamento dos 12 milhões micro e pequenos empreendedores formais no Brasil. Segundo o levantamento, a receita anual dos negócios deve sofrer queda de 74% caso as políticas de isolamento social sejam estendidas até junho. Para se prevenir, o empresário Cayo Costa, 27 anos, tem apostado num modelo de recorrência a fim de captar compradores e manter a previsibilidade financeira. “Com delivery e vendas on-line, o meu faturamento caiu apenas 40%”, diz. O empreendedor, que começou na informalidade, conta que revendia suplementos alimentares nos anos 2000 por meio de fóruns na extinta rede social Orkut. Com a demanda em alta, Cayo decidiu abrir a loja Pump Suplementos em 2013 e, há 2 anos, patenteou uma linha de produtos esportivos, como creatina, proteína em pó e pré-treino. “Cursos profissionalizantes, experiência em vendas on-line e ser formado em administração pela UnB (Universidade de Brasília) foram privilégios que colocaram o meu negócio à frente de outros”, observa. Na avaliação do presidente do Sebrae, Carlos Melles, casos de sucesso como o de Cayo confirmam a necessidade de medidas emergenciais para empreendedores. “As pequenas e médias empresas representam 99% de todos os empreendimentos do país e geram mais da metade dos empregos formais. A situação provocada pela pandemia exige de todos os agentes públicos o compromisso pela busca de soluções concretas e rápidas para os problemas que essas empresas têm enfrentado”, destaca Melles. Para comerciantes que vivem os mesmos dilemas, Cayo dá a dica: o jeito é estabelecer desde sempre uma boa relação com fornecedores, de olho em renegociar os compromissos em épocas de instabilidade. “Boa comunicação com funcionários também conta nessas horas. Estou adotando 1 sistema de férias antecipadas e ajuste de bancos de horas para oferecer alguma segurança financeira aos colaboradores, sem precisar demiti-los.” Informais movimentam o equivalente a 17,3% do PIB brasileiro Informais movimentam o equivalente a 17,3% do PIB brasileiro Informais movimentam o equivalente a 17,3% do PIB brasileiro Informais movimentam o equivalente a 17,3% do PIB brasileiro Informais movimentam o equivalente a 17,3% do PIB brasileiro Informais movimentam o equivalente a 17,3% do PIB brasileiro Diogo usa máscaras cirúrgicas para se proteger do coronavírus Weudson

Ribeiro/Poder360 2 /4 Informais movimentam o equivalente a 17,3% do PIB brasileiro Cayo começou a vender suplementos alimentares no Orkut Reprodução/Acervo do Senado Federal 3 /4 Informais movimentam o equivalente a 17,3% do PIB brasileiro Melissa, 18 anos, ajuda a mãe a vender açaí Weudson Ribeiro/Poder360 4 /4 Informais movimentam o equivalente a 17,3% do PIB brasileiro Imigrantes africanos e chineses engrossam o número de ambulantes nas ruas do DF Weudson Ribeiro/Poder360 Compartilhar RECOMEÇO A cearense Patrícia, 37 anos, chegou a Brasília em julho de 2018, em busca de uma nova oportunidade. “Sou ex-presidiária”, diz, sem revelar detalhes. Para falar ao Poder360, ela impôs duas condições: a principal é não ter o sobrenome revelado; a outra é que a reportagem respeitasse a distância mínima de 1,5 metro da entrevistada. “Estou no 4º mês de gravidez”, justifica-se. A sacoleira conta que não descansa antes das 22h. “Há 2 anos, começo a trabalhar às 4h e só volto para casa depois de cumprir a meta diária de no mínimo R\$ 600. Hoje, vendo roupas, mas já vendi de tudo por aqui – água, quitutes, frutas”, diz. “Menos drogas.” Disciplinada e bem articulada ao negociar com possíveis clientes, Patrícia faz jus à veia empreendedora. “Em Sobral (CE), eu era gerente comercial. Lidava com todo tipo de gente. Em Brasília, não consigo emprego por causa da ficha criminal e morrer de fome não é uma opção”, conta. Mesmo exposta a sol, chuva e com medo de ter mercadorias apreendidas pelos serviços de fiscalização, ela não subestima a importância de sua categoria profissional. “Pra chegar à rodoviária, eu pego ônibus –isso ajuda a pagar o salário de cobradores e motoristas. Também gasto com comida – contribuindo com pequenos comércios. Com o meu trabalho, eu colabo com a sociedade”, destaca. Os prós e os contras dos mercados informais aquecem debates de juristas, economistas e políticos há tanto tempo que, a esta altura, tentar abolir a economia subterrânea se tornou uma batalha perdida. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), havia 33.2 milhões de brasileiros na informalidade em outubro de 2015. Hoje há 36 milhões, ou 2,8 milhões a mais. O número de trabalhadores formais caiu 1,8 milhão em 5 anos. Técnica da coordenação de Trabalho e Rendimento do instituto, Adriana Beringuy explica que há uma relação entre o aumento da população empregada no país e o aumento da informalidade. “Apesar da queda no desemprego, a gente observa que a taxa de informalidade é superior ao crescimento da população ocupada. No Brasil, do acréscimo de 1,819 milhão de pessoas ocupadas, 1 milhão está na condição de informal”, explica. “Em praticamente todo o país, quem tem sustentado o crescimento da ocupação é a informalidade.” INDEPENDÊNCIA A dona de casa Marcela Almeida, 38 anos, aposta no vaivém da capital federal para vender potinhos de açaí. Nas redondezas do Museu da República, onde ela estaciona aos sábados, circulam a pé cerca de 1 milhão de pessoas. Com as medidas de isolamento, o número de transeuntes caiu 70%, segundo a Polícia Militar. No estande de Marcela, o copo mais simples custa R\$ 7; pelo mais caro, de 300g, ela cobra até R\$ 25. “Dá para faturar até R\$ 2.000 numa semana. De 18 de março a 3 de abril, a baixa foi de 100%.” A comerciante relata que a exposição a 1 vírus letal e altamente infeccioso não a intimida: “Fiquei em casa por 15 dias. O medo de contaminação é grande, mas passar fome deve ser pior”, diz Marcela. A opinião, considerada controversa, ecoa o pensamento de milhares de brasileiros: a reportagem ouviu rodoviários, comerciantes, desempregados que dependem de bicos para pagar as contas, idosos, adolescentes e recém-formados em busca de inserção no mercado – para a maioria, as medidas de distanciamento social são privilégios impraticáveis. Sem experiências profissionais, a dona de casa conta que a ideia de vender gelados surgiu depois que ela se separou do ex-marido, em agosto de 2016. “Me casei aos 20. Como ele trabalhava, eu cuidava só das crianças. Depois do divórcio, tive que encarar o trabalho –não tive escolha”, brinca. “Hoje, dependo de mim mesma. Tenho conseguido alcançar os meus objetivos.” O ideal para o informal é se formalizar e se profissionalizar como gestor, aponta o gerente da unidade de competitividade do Sebrae Nacional, Cezar Rissete. “O ambulante pode virar MEI (microempreendedor individual), pleitear uma licença para operar, e pagar tributos previdenciários que se converterão em bens para a sociedade. É necessário que o empreendedor estude o mercado e digitalize-se”, diz. “Se qualificados, esses comerciantes podem contribuir, e muito, com o país.” Chefe do departamento de economia e negócios da universidade norte-americana de Saint Louis, o professor David Howden ratifica a opinião de Rissete: segundo estudo conduzido por ele, países com maior informalidade reagem melhor a crises em relação àqueles com mais empregos formais. Isso ocorre, segundo o economista Marcelo Neri, por 1 motivo em especial: “Esse setor está menos exposto à volatilidade global”, diz. “Na Espanha, a economia subterrânea movimentou US\$ 280 bilhões em 2010 –o suficiente para pagar as contas do Estado, que registrou uma taxa de 20% de desemprego naquele ano.” Mesmo desregulamentado, cansativo e perigoso, o comércio informal segue em busca do próprio lugar ao sol. E, mesmo diante de uma pandemia, camelôs, flanelinhas, ambulantes e sacoleiros não dão sinais de que pretendem parar.

Esta reportagem foi produzida pelo estagiário em jornalismo Weudson Ribeiro sob supervisão do editor Nicolas Iory



A chamada "economia subterrânea" ajuda países em crise a se recuperar, sugere estudo Weudson Ribeiro/Poder360.